

**MARIA JOSÉ BRITES**

britesmariajose@ics.uminho.pt

CENTRO DE ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE (CECS),  
UNIVERSIDADE DO MINHO; UNIVERSIDADE LUSÓFONA DO PORTO

## O JORNALISMO E O QUOTIDIANO, A INDÚSTRIA E OS JOVENS

### RESUMO

Este capítulo centra-se no cruzamento entre a literacia para as notícias, os públicos jovens, o jornalismo e a sua relevância para a democracia. A literacia para as notícias constitui uma importante fonte de orientação para a vida quotidiana e as ferramentas jornalísticas são elementos fundamentais para engajar jovens na prática da cidadania. Mas será que os jovens estão satisfeitos com as notícias? Gostariam de ter notícias para as suas idades? Os *media* noticiosos pensam concretamente nos jovens quando produzem notícias? Qual o papel que devotam à literacia para as notícias? Para tentar corresponder a estas questões, usamos dados de um trabalho já finalizado com uma amostra de 32 jovens (2010-2011) e um estudo ainda exploratório sobre literacia para as notícias, participação e jovens – AN-Lite: Audiências, Notícias e Literacia (SFRH/BPD/92204/2013) em curso com entrevistas a três editores. Encontrámos alguns cruzamentos de perspetivas (como jovens e jornalistas não se fixarem na necessidade de notícias especiais para jovens), mas também alguns pontos de algum afastamento na cobertura de rotina (designadamente no que toca a um maior recurso a jovens fontes e produtores de conteúdos).

### PALAVRAS-CHAVE

Literacia para as notícias; jovens; democracia quotidiana; *media* noticiosos

---

### **LITERACIA PARA AS NOTÍCIAS, UM TERRENO DE INDEFINIÇÕES?**

O jornalismo, enquanto processo de seleção, recolha, tratamento e difusão da informação de interesse público, é uma ferramenta poderosa para ser usada a nível educativo e como meio de empoderamento de comunidades. A literacia para o jornalismo tem, assim, uma ligação intrínseca com a literacia para a cidadania (Milner, 2009; Moeller, 2009; Mihailidis,

2012; Hobbs, Cohn-Geltner & Landis, 2011; Brites, 2010, 2014, 2015). O jornalismo, por esta via, pode ser um modelo democrático para os públicos, mesmo os mais jovens.

Este campo, porém, ainda se mantém pouco delimitado e fragmentado, sobretudo na definição de literacia para as notícias, mas também na sua relação com a literacia para os *media* (Hobbs, 2010, 2014). Renee Hobbs (2010, 2011), pioneira nesta área de estudo, considera no entanto que devia ser prestada atenção a três fatores que carecem de ser revistos: 1) alguns educadores e pessoas da indústria das notícias apenas encaram o ensino das notícias como uma aula de jornalismo para não jornalistas; 2) ensinar a literacia para as notícias apenas como relato de estórias dos jornalistas e suas façanhas pode não contribuir para uma visão crítica; 3) algumas iniciativas concentram-se em enaltecer os ideais do jornalismo. Em certos contextos o objetivo destes programas parece ser o de fazer com que os formandos tenham uma ideia positiva das notícias, mas há uma grande diferença entre literacia para as notícias e gostar de jornalismo (Hobbs, 2010).

Concordamos com a autora quando diz que “os programas de literacia para as notícias deveriam focar-se em construir um pensamento crítico e competências criativas de comunicação. Quando isto acontece, os consumidores de notícias vão ser capazes de melhor compreender, apreciar e criticar as notícias” (Hobbs, 2011). Hobbs observa ainda que a leitura das notícias é uma das chaves para a curiosidade intelectual e a aprendizagem ao longo da vida (Hobbs, 2014). A literacia para as notícias não será apenas focada na ideia de ensinar o que se deve saber sobre notícias, mas sim como pensar criticamente sobre notícias e consequentemente sobre o mundo que nos rodeia.

Considerando a importância da literacia para as notícias na escola, Hobbs (2010) também expõe alguns fatores sobre os quais vale a pena pensar: os jovens que são impelidos a contactar com notícias no contexto escolar leem mais notícias do que os que não o fazem na escola. Hobbs (2010) relembra que tem havido pouca atenção sobre esses benefícios do uso de notícias no currículo escolar. Anotamos aqui que Hobbs reporta-se sobretudo ao contexto norte-americano onde há, ainda assim, uma maior aposta nestes programas específicos de literacia para as notícias do que em países como Portugal, onde estas matérias estão praticamente arredadas, de forma consistente e não fragmentada, do sistema de ensino e da iniciativa dos *media* noticiosos. Em todo o caso, o caminho a percorrer é longo, quer em países onde estas questões já são discutidas numa base de serem

políticas eficazes ou não e de estarem a ser mais ou menos usadas quer naqueles onde o acesso a essas políticas continua a ser a principal questão.

Hobbs (2010) aponta para princípios de aprendizagem a ter em conta quando se implementa um projeto: ter em conta os interesses dos participantes, este é o ponto de partida; facilitar a compreensão de conteúdos e de processos; praticar a capacidade para fazer perguntas e respeitar as repostas; ter em conta a forma como as *estórias noticiosas* são construídas, perceber a construção, as escolhas estratégicas de forma e de palavras, imagens ou sons, perceber se essas estratégias são criativas ou não; usar novas ideias para suportar uma análise crítica dos *media* e da sua composição; usar *media* colaborativos; e fazer conexões entre a sala de aula/ou outro espaço onde esteja a ser implementado o projeto e o mundo mais vasto. Os princípios base em projetos de literacia para as notícias devem ter uma preocupação de emergir de dentro das comunidades (Brites, Jorge & Santos, 2014; Brites, 2015), sejam elas escolares ou de outra natureza.

Apesar de a atenção de Janet Fulton e Paul Scott se centrar mais no papel que as universidades devem reservar aos estudantes de jornalismo, vale a pena pensar no que propõem: fomentar o entendimento crítico por parte dos cidadãos, para serem capazes de compreender o jornalismo e o seu lugar na sociedade, isto é uma parte fundamental da educação para o jornalismo (Fulton & Scott, 2013). É primordial conhecer as práticas sociais do jornalismo, no sentido de ir para além da compreensão do que é uma notícia, perceber as culturas jornalísticas, que levam a que os assuntos tenham o tratamento que têm. É preciso saber navegar na estrutura social do jornalismo (Fulton & Scott, 2013), compreender os meandros do jornalismo e o saber fazer do jornalista é fundamental (Fulton & Scott, 2013) e isto conduz-nos a esta questão fundamental da ligação entre o jornalismo e a democracia e o dia a dia dos cidadãos.

Peter Levine é um dos autores que tem trabalhado as relações entre o jornalismo e a democracia. Aponta para a relevância de conceber formação focalizada nos *media* noticiosos e nos problemas da democracia (Levine, 2014). Para Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2010) a literacia para as notícias significa a capacidade para ler as notícias, defendendo que há competências específicas para a literacia para as notícias, embora as relacionem diretamente e como ponto de partida à literacia cívica.

Paul Mihailidis afirma que a “literacia para as notícias tem o potencial de ligar o cada vez mais desligado mundo dos jornalistas e as audiências, os jornalistas e os cidadãos. O papel do jornalista na democracia atual é talvez mais importante do que nunca” (Mihailidis, 2012, p. 15)<sup>1</sup>. Susan

<sup>1</sup> Charlie Beckett também diz que “ao salvar o jornalismo, poderemos salvar o mundo” (Beckett, 2008).

Moeller (2012, p. 185) vê de forma positiva (talvez sendo demasiado otimista) a possibilidade de a literacia para as notícias afetar positivamente a qualidade de vida, partindo do princípio de quanto melhor informados os cidadãos estiverem melhor podem intervir.

Assim sendo, a literacia para as notícias anda de mãos dadas com a literacia para a cidadania, pois uma não vive sem a outra preocupação.

## **METODOLOGIAS**

Neste capítulo, debruçamo-nos sobre propostas de cruzamento entre o que os jovens reclamam das notícias e sobre perspetivas dos jornalistas sobre a literacia para as notícias e sobre as relações com os públicos, em especial os mais jovens. Para iniciarmos esta análise preliminar, vamos nos concentrar nos resultados de uma investigação (2010-2011; com 32 jovens, 15-18 anos) qualitativa longitudinal (entrevistas e grupos de foco) que incidiu sobre a relação entre jovens, notícias e participação. Paralelamente, concedemos indicações preliminares sobre os resultados da análise das primeiras entrevistas realizadas com três jornalistas e editores de *media* noticiosos (rádio nacional, jornal nacional e plataforma de curadoria de notícias) no âmbito de uma investigação em curso sobre literacia para as notícias, participação e jovens – AN-Lite: Audiências, Notícias e Literacia (SFRH/BPD/92204/2013).

Sendo este um estudo preliminar, daremos conta das primeiras leituras cruzadas entre as duas pesquisas tendo em conta que o primeiro constituiu ponto de partida para o segundo que ainda está numa fase inicial.

## **OS JOVENS REVEEM-SE EM MODELOS ESPECÍFICOS PARA ELES?**

Qual o contributo para uma mudança (se necessária?) em relação ao jornalismo e como poderia ser o jornalismo, tendo sobretudo como desafio a proposta de Carter (2009) para se perceber o que querem os jovens relativamente às notícias e pensar sobre se os jovens querem notícias diferentes das dos adultos, tendo em conta que Carter, Davies, Allan e Mendes (2009) identificaram que as notícias devem corresponder diferenciadamente a interesses específicos das crianças e dos adultos.

Encontramos uma ideia diversa desta nos jovens participantes, que não querem ser vistos como diferentes dos adultos (Buckingham, 2008). Televisão, revistas e jornais foram os canais mais referenciados como importantes para criar laços entre jovens e o jornalismo.

Os dados apontam para o seguinte: a) a partir dos 15 anos as notícias já não deveriam ser apenas direcionadas a jovens, mas a cidadãos, a pessoas em geral (com temas variados, incluindo política); b) a importância de as notícias serem melhor explicadas (o que valeria para jovens e adultos) e terem uma linguagem acessível; c) existência de formatos jornalísticos com jovens a falar ou como fontes; d) o mercado já tem ofertas centradas em temas particulares e direcionados a diferentes sexos (desporto, moda, celebridades), mas mesmo assim poderia haver uma aposta em temas menos dominantes na agenda jornalística *mainstream*; e) apontar soluções, que sirvam de alerta, que falassem de temas de risco que afetam os jovens (como a droga); f) ainda que residualmente, também foram indicadas soluções híbridas em que em jornais de adultos houvesse secções para jovens.

Dessa forma, vamos de seguida refletir sobre estes elementos encontrados. Se até aos 14/15 anos as notícias deveriam ter em conta o público específico (reportam-se às suas experiências pessoais ou aos irmãos), a partir daí já deveria haver uma outra atitude, ainda que privilegiando a escrita acessível. A maioria dos participantes manifestou-se de forma aguerrida contra a existência de notícias específicas para jovens (sobretudo acima dos 14/15 anos), por considerar que essa é uma forma de minorizar a capacidade dos jovens. E consideram que as que existem já são suficientes.

- “– Ou seja, o importante é que as notícias ditas para adultos deveriam ser as notícias para jovens, mas feitas de forma mais apelativa... é isso que pensas?  
– Sim, na minha idade, os jovens até costumam ver as notícias, pois somos mais crescidos e temos outra forma de pensar, mas há muitos de 15 ou 14 anos que não são crianças, mas podem receber notícias de outra forma.  
– E como poderia ser?  
– Por exemplo, ainda agora há muitas coisas que passam nas notícias, termos e casos que eu não consigo perceber, tenho de perguntar a algum familiar. E nas notícias não explicam... eu fico um pouco confusa.” (Marta, entrevista 2)

Neste sentido de que as notícias para jovens poderiam ser as notícias para adultos, encontrámos uma afinidade nos discursos de Cushion (2006) e Meijer (2006) quando apontavam para o facto de os jovens e os programas noticiosos para jovens não terem necessariamente de se relacionar apenas com o consumo de *soft news*.

- “– Especificamente criadas para jovens, não, pois haveria uma distinção entre adultos e jovens e o jovem já está

preparado para ler notícias sobre ‘adultos’, há notícias que também interessam aos meus pais e interessam-me a mim. Aliás, por interessar aos meus pais é que se calhar me interessam a mim.” (Marisa, entrevista 2)

Relativamente a este ponto é importante referir que os jovens participantes no estudo que mais consumiam notícias e que tinham uma ação mais dinâmica na sociedade se mostraram muito mais desagradados com a eventualidade de haver notícias para jovens, no sentido de que estes devem procurar ter as ferramentas para conseguir ler qualquer notícia.

“– Ora bem, acho que já existem. Já existem programas direcionados para jovens, até dão a coisa num sentido mais light. Não sei se é a opção mais correta, a escola deve ter um papel muito importante no que toca à formação dos jovens e pô-los a par do que se vai passando pelo mundo. Acho que não há notícias apenas para jovens, tipo aquilo só interessa aos jovens, isso é mentira, ou coisas que não interessam aos jovens num todo. Existe uma desvalorização, ao falar no mais light, parece que os jovens são mais burrinhos. Vamos explicar de uma maneira mais engraçada... há pouca motivação para estar a par da situação em termos nacional, política, económica, educação, blá, blá, blá.” (Natércia, entrevista 2)

A ideia de que as notícias nem sempre são fáceis de compreender não significa exatamente que deveriam ser feitas outras diferentes para jovens, mas sim que deveriam ter uma linguagem mais acessível, serem mais bem explicadas. Este ponto foi declarado de forma mais ou menos transversal entre os diferentes participantes, como podemos ver.

- “– Sim, porque as notícias são seca.  
– As que são consideradas para adultos?  
– Sim, só falam de politiquice. Não gosto.  
– Então escolhias notícias diferentes ou escritas de forma diferente?  
– Escritas de forma diferente. Ou falar de forma diferente, um pouco para a brincadeira, mas também para a verdade. Ainda há pouco fui à net e um senhor estava a dar uma notícia, penso que era o da SIC ou na 4, e pronto...  
– Mas o que tu gostarias que houvesse era uma explicação melhor?  
– Sim. Têm umas palavras muito adultas, deveriam ser mais jovens.  
– Então onde deveriam estar essas notícias, falas em palavras?...”

– Na Internet e nas revistas.” (Rute, entrevista 2)

Identificámos a ideia base de que formatos mais interessantes e apelativos poderiam apresentar outros jovens a falar. A Fátima centrou-se mais na sua própria experiência, afirmando não sentir necessidade dessa diferenciação, pois consegue entender o que lê. Considerou-se sobretudo que a televisão poderia ser um canal interessante de promoção.

“– Se criarem um formato que não seja uma senhora a falar, mas se for uma pessoa da minha idade a falar, teria muito mais audiência por parte dos jovens. Eu não sinto necessidade, mas pensando nos meus amigos é um número pequeno o que se interessa pelo que se passa no mundo.

– Pensas num formato de televisão...

– Sim, seria mais fácil.” (Fátima, entrevista 2)

Dário chama a atenção para o facto de o tipo de revistas especializadas existente não servir todos os jovens (por isso, escolhe-as online, especialmente em *sites* espanhóis), pois entre eles há vários tipos de culturas juvenis não convencionais.

“– Quando falas de notícias para jovens pensas em que temas e em que formatos?

– Primeiro de uma forma que demonstrasse as coisas boas e as más, depois de forma a que fosse lido para jovens, não digo usar calão, mas sem ser de uma forma tão agressiva, e se calhar a nível de música e fazer um apanhado do que os jovens pensam, pensando que há vários tipos de jovens, as pessoas não são todas iguais.” (Dário, entrevista 2)

Ainda que em menor grau, foi identificado que deveria haver informação específica sobre perigos que assolam os jovens. Na discussão, ainda que de forma residual, foi apontada a possibilidade dos nos *media* ditos para adultos haver secções específicas para jovens, com linguagem e temas mais particularizados no grupo etário.

“– Sim, não são notícias, mas os jovens deveriam acordar para este tipo de assuntos de se interessarem pelas notícias e pelos temas da atualidade. Os telejornais são para adultos, são os pais que veem. Não me apetece ver. É mais por isso. Há a Visão e a Visão Jovem, a informação está bem como está, atrai qualquer pessoa que esteja interessada, agora para atrair jovens que nem sempre se

interessam, sim. É escusado inserir novas coisas no mercado, mas sim haver uma parte para jovens nos jornais, na televisão. O pai pode comprar e depois passar essa parte aos filhos.” (Teodoro, entrevista 2)

### **OS JORNALISTAS PENSAM ESPECIFICAMENTE PARA PÚBLICOS JOVENS E ESTÃO CONSCIENTES DO SEU PAPEL EM TORNO DA EDUCAÇÃO PARA AS NOTÍCIAS?**

Tendo em conta algumas das questões que se levantam atrás, iniciámos uma investigação que começa por tentar apreciar quais as preocupações que os jornalistas têm com a informação para jovens, se há debate em Portugal sobre a literacia para as notícias e qual o papel dos seus *media* noticiosos em torno da literacia para as notícias.

Relativamente às especificidades que a informação pode ter no contexto dos jovens, os entrevistados foram unânimes em indicar que não tinham essa preocupação na rotina diária (nem notícias específicas para jovens, nem por exemplo jovens como fontes ou produtores de conteúdos), embora os três entrevistados a dada altura no decurso da sua atividade tenham tentado fomentar ou mesmo implementado projetos mais específicos para jovens. Num dos casos um projeto de jornalismo escolar e no outro uma proposta submetida a concurso para uma rádio destinada a uma população jovem e dotada de conteúdos feitos por jovens.

“– Nós acreditamos também que os jovens leitores não querem conteúdos para eles e para as suas idades. Querem saber que se passa na Ucrânia, o que se passa com o Governo e com o Ricardo Salgado. O que aconteceu ontem, na enxurrada na Madeira, eles querem ler as mesmas coisas que eu e vocês queremos ler. A nossa preocupação e diria que o nosso papel mais relevante na literacia para os *media* é fazer um jornalismo mais claro, usar uma linguagem simples e compreensível, por isso deixo isso dos vídeos, todo o trabalho que temos de infografia, não vejo a literacia para os *media* como uma gaveta, mas como uma coisa que está imbuída no dia a dia.” (Diretor de jornal)

“– Não [não têm preocupação específica com públicos jovens], o nosso target está cada vez mais definido entre os 35-55, apenas tivemos alguns experiências para tentar captar mais público feminino!” (diretor de rádio)

“– [longa pausa] as preocupações que têm que ver com idades... têm que ver com o conteúdo e imagens com representação de crianças em artigos, existe uma política de proteção de identidade de imagens com crianças. Mas não era essa a pergunta? Pois não? – Não, relacionava-se mais com o facto de pensarem, ou não, propostas, iniciativas ou programas específicos para jovens. – Há a vontade de envolvê-los no processo, por exemplo o mais jovem membro tem 16 anos. Há voluntários dos 16 aos 80, mas a maior de cerca de 20/30 anos.” (ex-editor de plataforma de curadoria de notícias)

Entre os três entrevistados, nenhum se recordava de ter contactado com projetos de literacia para as notícias germinados e executados pelos *media* noticiosos. Isto, à parte dos projetos que eles mesmos já tinham participado, apontando para uma fragmentação e também falta de visibilidade do que se tem produzido em Portugal nesta matéria.

“– (...) nós [em Portugal] não temos de facto essa tradição e acreditamos todos nisso, mas ainda não nos sentamos para perceber como podemos fazer. Sempre que acontecem projetos isolados ficamos muito orgulhosos dos resultados.” (Diretor de jornal)

“– Realmente não estou a lembrar-me de nenhum projeto, na realidade, não, em Portugal.” (Ex-editor de plataforma de curadoria de notícias)

Relativamente ao debate que a literacia para as notícias ou a literacia para os *media* pode suscitar na indústria de *media* portuguesa, cada um dos entrevistados disse apenas conhecer os seus projetos ou iniciativas e consideraram que não é um assunto da indústria. Além disso, por um lado, oscilaram a opinião entre reconhecer a importância da literacia para as notícias, tentar perceber se seria importante os *media* terem esses projetos e poderem aceder a iniciativas que estejam a ser constituídas e, por outro lado, a ideia de que os *media* noticiosos já contribuem para a educação para as notícias quando exercem o seu papel jornalístico de isenção e rigor. Consideram que se o dia a dia for feito com rigor e isenção isso é suficiente para contribuir para um literacia para os *media* e também para as notícias.

“Podíamos [no jornal] fazer mais, mas não fazemos pois temos as limitações de que falei. Mas por outro lado no nosso dia a dia muitos dos trabalhos que fazemos e muita da bordagem que fazemos é isso, a literacia para os *media*.” (Diretor de jornal)

“A importância que a literacia tem... De alguma forma nós todos os dias trabalhamos para isso, quando lançamos um tema para o ar e sublinhamos que aquilo é a opinião, não é notícia, é opinião de sobre esta matéria. De alguma forma, assim, estás trabalhar para isso, mas não estás a trabalhar quando abres o jornal e vês artigos como notícia, notícia que está cheia de opinião e de adjetivos de porta sim porta não. Estás a confundir as pessoas com isso!”  
(Diretor de rádio)

“Se calhar não compete aos media serem os impulsionadores dessas coisas... o que acho é que os media se deviam portar bem e cumprir as regras, e aí contribuem.”  
(Diretor de rádio)

## CONCLUSÕES E PISTAS

Este projeto exploratório aponta para o facto de nem jovens (15-18) nem jornalistas considerarem a relevância de uma informação específica para jovens. Sendo este um aspeto importante na leitura dos dois campos. Os jovens interessam-se por uma leitura do quotidiano e da sociedade em que se inserem que não os minoriza nem separa do mundo dos adultos.

Porém, há alguns aspetos que por ventura precisam de maior afinamento. Os jovens gostariam de ser mais vezes produtores e fontes e que a informação seja clara e de leitura simples, sem perder o rigor. Por parte dos jornalistas, com exceção de situações pontuais, não existe essa rotina diária de ter jovens como fontes e parceiros de trabalho.

Já relativamente à procura da clareza da informação, os jornalistas têm essa preocupação, considerando, inclusive, que este aspeto faz com que eles cumpram o seu papel no âmbito da literacia para os *media* e para as notícias. Porém, numa leitura autocentrada consideram que eles mesmos e os seus próprios *media* noticiosos cumprem essa parte, mas que outros colegas jornalistas e outros *media* noticiosos falham, criando um desequilíbrio na oferta de qualidade. Ora, existe aqui uma visão auto-positiva das suas capacidades e dos seus *media* noticiosos, mas uma falta dessa visão relativamente ao que outros jornalistas que não eles mesmos fazem.

São ainda unânimes em considerar que os projetos de literacia para as notícias são relevantes, mas desconhecem a sua existência em Portugal (mais uma vez à parte dos que eles mesmos implementaram nos seus

*media* noticiosos) e reconhecendo que não é algo em que pensem todos os dias em separado do trabalho diário da redação.

Noutros países, como vimos na revisão de literatura, este debate já está colocado noutra patamar, no debate sobre o que é ou deverá ser a literacia para as notícias e a importância do reforço da literacia para as notícias, inclusive na escola. Em Portugal, as apostas por parte dos *media* noticiosos são fragmentárias e na escola inexistentes de forma consistente e disseminada a nível nacional. Numa possível orientação diferenciada de futuro, é preciso ter em conta que os projetos são sempre mais viáveis se tiverem em conta os contextos em que são aplicados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Beckett, C. (2008). *SuperMedia: Saving journalism so it can save the world*. West Sussex: Blackwell Publishing.
- Brites, M. J. (2010). Jovens (15-18 anos) e informação noticiosa: a importância dos capitais cultural e tecnológico. *Estudos em Comunicação/Communication Studies*, 8, 169-192. Acedido em <http://www.ec.ubi.pt/ec/o8/pdf/EC08-2010Dez.pdf>
- Brites, M. J. (2014). Consuming the news and building civic participation. *Participations. Journal of Audience & Reception Studies*, 11, 130-149. Acedido em <http://www.participations.org/Volume%2011/Issue%201/8.pdf>
- Brites, M. J. (2015). Jovens e culturas cívicas: Por entre formas de consumo noticioso e de participação. Covilhã: Livros LabCom.
- Brites, M. J., Jorge, A. & Santos, S. C. (2014). RadioActive. um projeto europeu de rádio online. In I. Eleá (Ed.), *Agentes e vozes: um panorama da Mídia-Educação no Brasil, Portugal e Espanha. (Yearbook 2014)* (pp. 181-186). Nordicom: University of Gothenburg.
- Buckingham, D. (2008). Children and Media: A Cultural Approach. In K. Drotner & S. Livingstone (Eds.), *The International Handbook of Children, Media and Culture* (pp. 219-236). Los Angeles, Londres, Nova Deli e Singapura: Sage.
- Carter, C. (2009). Growing up Corporate: News, Citizenship, and Young People Today. *Television & New Media*, 10(1), 34-36.
- Carter, C. Davies, M.M., Allan, S. & Mendes, K. (2009). *What do children want from the BBC? Children's content and participatory environments in an age of citizen media*. Cardiff: Cardiff School of Journalism, Media and Cultural Studies.

- Cushion, S. (2006). *Protesting their apathy? Young people, citizenship and news*. Tese de Doutoramento, JOMEC, Universidade de Cardiff, Cardiff, País de Gales.
- Hobbs, R. (2010). *News Literacy: What Works and What Doesn't*. Comunicação apresentada na Association for Education in Journalism and Mass Communication (AEJMC) conference, Denver, Colorado.
- Hobbs, R. (2011, 20 de janeiro). News Literacy: What Not to Do [Post em blogue]. Acedido em <http://niemanreports.org/articles/news-literacy-what-not-to-do/>
- Hobbs, R. (2014, 12 de março). Reflection on News Literacy [Post em blogue]. Acedido em <http://mediaedlab.com/2014/09/08/reflection-on-news-literacy/>
- Hobbs, R., Cohn-Geltner, H. & Landis, J. (2011). Views on the news. Media literacy empowerment competencies in the elementary grades. In C. V. Feilitzten; U. Carlsson; & C. Buch (Eds.), *Yearbook 2011 – New Questions, New Insights, New Approaches: Contributions to the Research Forum at the World Summit on Media For Children and Youth 2010* (pp. 43–56). Gotemburgo: The International Clearinghouse on Children, Youth and Media/Nordicom/ University of Gothenburg.
- Fulton, J. & Scott, P. (2013). Tilling the field in journalism education: implications of a systems model approach for journalism education. *Journalism Education*, 2(1), 62-74.
- Kovach, B. & Rosenstiel, T. (2010). *Blur: How to Know What's True in the Age of Information Overload*. Nova Iorque: Bloomsbury USA.
- Levine, P. (2014, 4 de março). The history of civics and news literacy education [Post em blogue]. Acedido em <http://peterlevine.ws/?p=14272>
- Meijer, I. C. (2006). *The Paradox of Popularity. How Young people experience the news*. Comunicação apresentada na RIPE Conference, Amesterdão.
- Mihailidis, P. (2012). Introduction: News literacy in the dawn of a hypermedia age. In P. Mihailidis (Ed.), *News literacy: Global perspectives for the newsroom and the classroom* (pp. 1-20). Nova Iorque, Washington DC, Berna, Frankfurt, Berlim, Viena e Oxford: Peter Lang.
- Milner, H. (2009). Does civic education boost turnout? In M. Print e H. Milner (eds.), *Civic education and youth political participation* (pp. 187-196). Roterdão, Boston e Taipei: Sense Publishers.
- Moeller, S. (2009, 30 de agosto). Media Literacy 101: Power to the People. *Huffington Post*. Acedido em [http://www.huffingtonpost.com/susan-moeller/media-literacy-101-power\\_b\\_182112.htm](http://www.huffingtonpost.com/susan-moeller/media-literacy-101-power_b_182112.htm)

Moeller, S. (2012). Conclusion: News literacy and the courage to speak out. In P. Mihailidis (Ed.), *News literacy: Global perspectives for the newsroom and the classroom* (pp. 181-194). Nova Iorque, Washington DC, Berna, Frankfurt, Berlim, Viena e Oxford: Peter Lang.